



Palmilhar vinhos

Indo aos almanaques, é de ter respeitinho pela região... As referências mais remotas apontam para o período anterior à ocupação romana, tendo sido provavelmente os Lusitanos que aqui iniciaram o plantio da vinha. Por outro lado, há notícias de exportação de vinho da zona de Torres Vedras desde o século XII.

◆◆◆◆ TEXTO EDUARDO MIRAGAIA

Batem-se milhas pela região da Estremadura e o cenário não podia ser mais apetecível. Quer dizer, esfalfam-se quilómetros ao largo da novel Região de Lisboa, a Estremadura morreu, e a paisagem parece ter rejuvenescido, vinhas alinhadas a preceito, inúmeras plantações novas, castas nacionais em riste, mas cruzadas com outras estrangeiras. No ventre dessas muitas quintas, até o condão de muita gente nova se passar a dedicar à terra. Há, de facto, outra alma por essas paragens. Mas se podemos deixar uma nota, digamos para o pitoresco, é o facto de a designação vinhos de Lisboa ter lembrado aos invasores comandados por Wellington... Uma vez poisados pela região ficaram inebriados pelos vinhos da zona, ao que consta, um prazer a que chamavam *Lisbon wines*...

Em suficientes testemunhos que escutámos, o abrigo a Lisboa é francamente de levar ao altar. Para alguns poderá haver algum saudosismo da velha Estremadura, mas rapidamente se percebeu que o emblema lisboeta é mais forte, passível de abrir muitas portas, designadamente ao estrangeiro. Estremadura confundia-se sempre com a região espanhola que mantém a designação e não abonava a favor do lugar português.

Apanhando a boleia do nome, sente-se que actualmente o percurso a fazer em força passa pela divulgação desta nova designação. Todos os apoios nesse sentido vêm por bem, à frente deles a Comissão Vitivinícola Regional de Lisboa, que se tem organizado para alastrar o conceito, desferindo mostras dos produtos, fora e dentro das fronteiras.





em Lisboa

Ainda assim, há por aqui vozes impositivas sobre a necessidade da divulgação dos produtos precisar de ser mais organizada, designadamente por parte da Comissão Regional, e dado que por vezes os calendários das promoções são demasiado apertados.

Em benefício da ascensão destes vinhos, contribuíram desde há alguns anos diversos factores, a saber: grande mudança do encepamento, adaptação enorme da produção ao consumo e reestruturação da vinha, iniciada desde há 30 anos. Paralelamente, os lucros conseguidos pela reconversão das adegas e sua modernização, a par da qualidade ocorrida na enologia.

HÁ ORGANISMOS A MAIS

Outra realidade que vem tendo bom desempenho prende-se com a chegada pujante da adopção ao melhor estilo do conceito de enoturismo e turismo de habitação. De resto, a região é um excelente alforge de forasteiros, quer aqueles que ocupam as unidades hoteleiras, algumas ostentando cinco estrelas, a juntar aos visitantes que se dedicam ao golfe ao longo dos seis campos por ali implantados. O ▶

NASCERAM ROMANOS

A região de Lisboa ocupa um lugar de destaque no panorama vitivinícola do país, não só pela extensão dos seus vinhedos, como ainda pela qualidade dos néctares que produz. A vinha, cuja cultura já era praticada no tempo da ocupação romana, foi incrementada na Idade Média através das ordens religiosas presentes em diversos conventos e adquiriu um lugar cada vez mais importante na cultura da região, permitindo que diversos vinhos produzidos atingissem destaque.

Das denominações reconhecidas, as mais antigas são Carcavelos, Colares e Bucelas, regiões próximas de Lisboa, produtoras de vinhos de características totalmente distintas, mas todas elas com uma tipicidade e qualidade de enaltecer.

Mais a Norte, estende-se uma densa mancha de vinha pelas encostas suaves das colinas características da região, onde são produzidos, entre outros, os vinhos com as denominações de origem Alenquer, Arruda e Torres Vedras. Junto ao mar é de abordar uma zona particularmente vocacionada para a produção de aguardentes a merecerem o reconhecimento de denominação de origem Lourinhã.

Continuando para o Norte, desenvolve-se a zona produtora dos vinhos de Óbidos, na qual, além dos seus característicos vinhos tintos, são de realçar os vinhos brancos e onde recentemente assumiu também destaque a elaboração de espumantes.

No topo Norte da região de Lisboa, ainda que distribuída por inúmeras parcelas de dimensões reduzidas, uma vasta área que se estende das encostas da Serra de Aire até ao mar, permite a construção dos vinhos com a denominação de origem Encostas d'Aire. Para além dos vinhos com as denominações de origem referidas, é ainda a região produtora de um apreciável volume de vinho certificado com a indicação geográfica de Vinho Regional de Lisboa que, pelas suas características específicas, é um vinho leve.

Como bem proclamam os responsáveis pela região, «a diversidade do relevo, dos solos e até do clima, bem como das castas e a vontade do Homem, permitem que esta zona detenha uma diversidade de vinhos que possibilitam uma vasta escolha, por forma de que, em qualquer refeição ou momento, tenha sempre o vinho adequado».

Ao nível da extensão territorial, segundo as estatísticas da CVR Lisboa, Ficheiro Vitivinícola na Região dos Vinhos de Lisboa, encontram-se em exploração cerca de 30.741 hectares de vinha, sendo a área inscrita nessa Comissão de 9.298 há. Da área total inscrita, cerca de 7.250 ha de vinha estão aptos à produção de Vinho Regional de Lisboa e 2.010 ha aptos à produção de Vinho com Denominação de Origem Controlada. Sobre a área inscrita, está assim ordenada: Vinho Regional Lisboa 7.288 hectares; DOC Alenquer 618 ha; Arruda 268 ha; Encostas d' Aire 63 ha; Óbidos 188 ha; Torres Vedras 873 ha.



vinho precisa de lhes chamar a atenção e assim o tem feito.

Mas nem tudo são rosas... Como é típico neste país, a existência de muitos organismos só consegue espalhar a confusão. Isto quando falta uma coordenação de esfor-

ços. É que por aqui, constata amargamente o "enviado especial" à zona, pululam a Comissão Vitivinícola Regional de Lisboa, a Região de Turismo do Oeste e ainda a Rota de Vinhos do Oeste... No mínimo, o apelo é o do costume – organizem-se...

Porque de falta de organização estamos fartos e o seu mau peso perde-se no tempo... E no tempo, anos 40/50, em que chegaram à zona uns propalados técnicos estatais que ditavam conselhos sobre as castas a plantar... Só que se tratava de castas híbridas, logo nada condizentes, e não adaptáveis àqueles solos...

Por essa época, até aos idos de 1980, para a região a palavra de ordem era só uma: produzir, produzir sempre mais. Só isso contava. Mesmo falando-se de vinhos sem qualidade, o facto é que até aos anos 50, em todo o país, produziam-se 15 milhões de hectolitros de vinho (hoje desceu-se para menos de metade). Mais, em 50 no calendário, consumiam-se 125 litros anuais per capita (a números de hoje, 45 per capita).

Indo aos almanaques, é de ter respeitinho pela região... «As referências mais remotas apontam para o período anterior à ocupação romana, tendo sido provavelmente os Lusitanos que aqui iniciaram o plantio da vinha. A própria atribuição da carta foral a Alenquer (1240) já menciona o vinho, o que demonstra que a zona apresentava características apropriadas para a produção vinícola. Por outro lado, há notícias de exportação de vinho da zona de Torres Vedras desde o século XII». Outro documento a que acedemos, de boa fonte indica que já no século XIV os vinhos da região eram apreciados em Inglaterra, tendo mais tarde obtido grande êxito na Exposição de Londres de 1890. ♦

OS PLANOS E OS VINHOS

Actualmente e até 2016, correm céleres os planos de desenvolvimento da região a cargo da sua CVR Lisboa. Nesse sentido a aposta reside em maior expansão exportadora para os mercados dos Estados Unidos e Rússia, onde reside a grande força de vendas, países tidos como mercados amadurecidos. Relativamente aos mercados em progresso, estão no caso o Brasil, Angola e Moçambique. Quanto a mercados de aposta, África do Sul e Namíbia estão entre eles. No fundo é abraçar o chamado mercado da saúde: cem mil portugueses a residir na Namíbia, para os cerca de 700 mil na África do Sul. Contas apuradas, a CVR Lisboa vai investir nos mercados referidos, até 2016, cerca um milhão de euros. No cômputo geral, a Comissão de Lisboa atribuiu no ano transacto 22 milhões de selos, registando-se uma subida expressiva em relação aos anos anteriores.

Para o cadastro de referências vnicas de alto nível, estas saíram do Concurso de Vinhos de Lisboa realizado o ano passado, e permitem passar em revista os galardões: na classe de Medalhas de Ouro – Adega Cooperativa da Lourinhã, Aguardente Velha; Sociedade Agrícola Quinta do Rol, Aguardente Velha XO; Quinta da Barreira, Scorpio Arinto Bruto Super Reserva; Paço das Côrtes, Reserva das Côrtes, tinto 2011; Casa Santos Lima, Quinta das Amoras, tinto 2012; Adega Cooperativa da Carvoeira, Velhos Tempos, tinto 2010; Casa Santos Lima, Quinta do Espírito Santo, tinto 2011; Parras Vinhos, Mula Velha Premium, tinto 2011; Parras Vinhos, Casa das Gaeiras, tinto 2011; Parras Vinhos, Castelo do Sulco Reserva, tinto 2011; Paço das Cortes, Reserva da Amizade, tinto 2010; Casa Agrícola das Mimosas, Chocapalha, branco 2011; Adega Cooperativa de Dois Portos, Monte Judeu Sauvignon Blanc, branco 2012. Nos prémios de Medalha Prata constam: Adega Cooperativa da Lourinhã, ACL 17ª Série, Aguardente Velha XO; Parras Vinhos, Quinta do Gradil Buto VEQPRD Óbidos, branco 2011; Companhia Agrícola do Sanguinhal, Sanguinhal Cabernet Sauvignon & Aragonez, tinto 2010; Sociedade Agrícola do Carneiro, Quinta do Carneiro, tinto 2011; Casa Santos Lima, Confidencial, tinto 2011; Adega Cooperativa da Vermelha, Mundus Reserva, tinto 2010; DFJ-Vinhos, Grand' Arte, tinto 2009; Sociedade Agrícola Quinta do Rol, Quinta do Rol Seleção, branco 2011; Adega Cooperativa da Carvoeira, Velhos Tempos, branco 2012.